

**ARQUITETURA ESCOLAR DE “ESCOLAS EXEMPLARES” EM QUATRO
CIDADES BRASILEIRAS: EXPRESSÃO DE PROJETOS DE
MODERNIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE 1880 A 1954**

*School architecture of “exemplar schools” in four brazilian cities :
the expression of modernization and schooling projects from 1880 to 1954.*

*Eurize Caldas Pessanha**
*Ângelo Marcos Vieira de Arruda***

RESUMO

Analisando a cultura escolar de instituições escolares “exemplares” de quatro cidades brasileiras (Campos do Goytacazes/RJ, Jundiaí/SP, Uberlândia/MG e Campo Grande/MS), de 1880 a 1970, concluiu-se que essas escolas foram produzidas como forma de completar o desenvolvimento dessas cidades. Este artigo analisa como as características arquitetônicas de seus prédios expressam e situam historicamente os projetos de modernização e escolarização dos grupos que nelas se percebiam como “elite”. Com traços do movimento estético *art nouveau* ou eclético, caixas retangulares, adornadas com motivos florais ou formas da arquitetura da antiguidade, dominam o exterior dos edifícios do Liceu de Humanidades de Campos, da escola Conde de Parnaíba, em Jundiaí, e do Colégio Estadual de Uberlândia, construídos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A escola de Campo Grande, planejada quando o movimento moderno, embora tardio, dominava a arquitetura brasileira, guarda seus principais elementos: linhas retas e algumas importantes curvas – despojamento nos revestimentos e adornos externos e espaço interno mais funcional. Escolhendo tendências arquitetônicas dominantes em cada momento histórico, as cidades se afirmavam como modernas e preocupadas com a escolarização.

Palavras-chave: Arquitetura escolar. Escolarização. Urbanização. Cultura escolar.

ABSTRACT

Through the study of the school culture of “exemplar” schools in four Brazilian cities (Campos de Goytacazes/RJ, Jundiaí/SP, Uberlândia/MG and Campo Grande/MS) from 1880 to 1970, it was possible to conclude that these schools were built as a way of fulfilling the development of these cities. This paper analyses how the architectural characteristics of these buildings express and place historically the projects of modernization and schooling of the groups which conceived them as “elite”. Traits of the aesthetic movement *art nouveau* or eclectic, rectangular boxes, adorned with floral motifs or antique architectural shape predominate in the external walls of Liceu de Humanidades in Campos, the school Conde de Parnaíba in Jundiaí and the Colégio Estadual de

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: eurizep@hotmail.com

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: angelomv@uol.com.br

Uberlândia, which were built between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century. The school in Campo Grande, planned when the modern movement, although late, was predominant in the Brazilian architecture, keeps its main elements: straight lines and some important curves, lack of linings and external adornment and more functional space inside. Choosing the dominant architectural tendencies of each historical period, the cities confirmed themselves as modern and committed with the schooling.

Keywords: School architecture. Schooling. Urbanization. School culture.

Como resultado de uma pesquisa¹ sobre a cultura escolar de instituições escolares “exemplares” constituídas no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras no período de 1880 a 1970 (PESSANHA et al., 2007), concluiu-se que essas escolas expressaram os projetos de modernização e escolarização dos grupos sociais que nelas se percebiam como “elite”. O objetivo geral da referida pesquisa foi realizar um estudo comparativo sobre a cultura escolar de instituições escolares “exemplares” constituídas no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras no período de 1880 a 1970, em quatro cidades: o Liceu de Humanidades de Campos, em Campos do Goytacazes/RJ; o Grupo Escolar Conde de Parnayba Jundiá/SP; Ginásio Mineiro de Uberlândia/MG e o Colégio Estadual Campo-Grandense ou o “Maria Constança”, em Campo Grande/MS. Periodização iniciada com a data de fundação da mais antiga entre as escolas analisadas (MARTINEZ; BOYNARD, 2004; FAGUNDES, 2004) e terminando no último ano antes da implantação da Lei n. 5692, de agosto de 1971, que alterou profundamente as características do ensino secundário, transformando os antigos Colégios e Ginásios em “Escolas de 1º Grau” ou “1º e 2º graus”².

Várias são as possibilidades de analisar esse processo de relacionamento das cidades com suas escolas exemplares, pois há elementos da cultura material tanto da escola quanto da cidade em que esse relacionamento se expressa. Partindo da hipótese de que tais escolas seriam “escolas exemplares”, foram selecionadas algumas chaves de análise que possibilitassem compreender como essa “exemplaridade” se expressou na cultura escolar de cada escola nos momentos históricos em que se tornou mais clara: os edifícios; os alunos, os professores e a organização curricular, manuais e práticas escolares.

Estabelecendo relações entre as histórias das quatro escolas e das respectivas cidades, concluiu-se que cada uma delas expressou, embora em momentos históricos diferentes, na forma dos edifícios escolares de suas escolas exemplares, o projeto político de determinados grupo sociais de inserção social pela educação. As semelhanças dos processos corroboram essa conclusão. Ou, dizendo de outra forma, essas “escolas exemplares” expressaram os projetos de modernização e escolarização daqueles grupos.

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq, pela FUNDECT/MS e pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS

² A Lei n. 5692 de 1971 organizou o ensino brasileiro em três graus: 1º Grau (incorporando os antigos cursos Primário e Ginásial); 2º Grau (antigo Ensino Médio) e 3º Grau (antigo Ensino Superior). Com essa nova organização, desapareceram os Grupos Escolares e os Ginásios.

De formas diferentes, em algum momento de sua história, cada cidade foi considerada estratégica em sua região e essa situação impulsionou seu desenvolvimento. Nesse processo, as escolas estudadas foram produzidas como forma de completar esse desenvolvimento e essa posição estratégica, o que foi evidenciado pelas características de seus edifícios, razão pela qual os edifícios escolares foram estudados como elemento da cultura dessas escolas e como expressão mais visível da articulação entre os processos de urbanização e escolarização das respectivas cidades explicitados pelos grupos sociais que nelas se percebiam como “elites”.

Desde as primeiras abordagens das histórias das escolas analisadas, o edifício emergiu como o elemento mais visível de sua “exemplaridade”. O “solar” de um Barão onde está instalada a escola de Campos; a escola que, pela imponência, ficou conhecida como “Museu” em Uberlândia; a escola que parece ter incorporado a nobreza do seu nome em Jundiá e o exemplo de arquitetura moderna construído especialmente para abrigar o colégio de Campo Grande, foram elementos que nos levaram a privilegiar a análise do edifício escolar como um dos elementos constitutivos da “exemplaridade” de cada escola.

Como aprofundamento das conclusões da pesquisa mencionada, o objetivo do presente artigo é analisar como as características arquitetônicas de seus prédios expressam e situam historicamente os projetos de modernização e escolarização das respectivas cidades. Constituíram fontes primárias para essa análise: Relatórios de Atividades, Livros de Atas, Livros de Portarias, Livros de Cadastro e outros documentos e fotos localizados nos arquivos das escolas estudadas, no acervo do CDHIS/UFU – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, em arquivos de jornais e em acervos particulares.

Embora a cronologia, por si só, não leve à compreensão da realidade histórica, não se pode ignorar os tempos históricos em que se produziram essas cidades e suas escolas.

Se a mais antiga delas, o Liceu de Humanidades de Campos, fundada em 1880, foi produzida no final do século XIX, em uma cidade cuja origem remonta ao século XVII e que, já nos meados do século XVIII, era vista como *a mais rica e populosa de todas as sujeitas ao Rio de Janeiro* (FARIA, 1997, p. 167), dedicada às atividades de cultivo, industrialização e comercialização da cana-de-açúcar; a mais jovem, o “Maria Constança”, instalada em 1939, tem sua história vinculada a uma cidade produzida em outro momento histórico: Campo Grande, cidade que “surgiu do boi” (BITTAR, 2004). Quanto às duas outras escolas: o Grupo Escolar Conde de Parnaíba foi fundado em 1906, em Jundiá, cuja história esteve vinculada ao cultivo do café e à ferrovia; e o Gínásio Mineiro, fundado em Uberlândia, em 1912, uma cidade cujo desenvolvimento foi impulsionado pelo comércio atacadista.

Embora as quatro cidades tenham se originado e desenvolvido em momentos históricos diferentes, foi possível perceber que seus processos de urbanização parecem ter seguido mais ou menos a mesma seqüência de passos, praticamente, reproduzindo a seqüência da história do processo de urbanização no Brasil e, conforme a época, absorvendo as novas tendências. Assim é que todas passaram por programas de

saneamento e organização do espaço urbano inspirados e conduzidos por engenheiros sanitaristas, com o objetivo, declarado ou não, de “higienizar” e organizar as cidades, livrando-as do atraso e tornando-as modernas.

O lugar da escola no tempo da cidade evidencia como espaço e tempo estão entrelaçados em uma e outra, por meio de práticas sociais em que se definem e redefinem mutuamente. Uma cidade higienizada, organizada e moderna, inclui a escolarização em seu projeto de sociedade. Nesse sentido, os edifícios específicos para os grupos escolares

tornaram-se preocupação das administrações dos estados que tinham no urbano o espaço privilegiado para a sua edificação, em especial, nas capitais e cidades prósperas economicamente. Em regra geral, a localização dos edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime (faziam parte desse desenvolvimento (BENCOSTA, 2005, p. 97).

O Liceu de Humanidades de Campos³

Na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, o Liceu de Humanidades de Campos passou a representar, desde sua criação em 1880 e por muitas décadas, um símbolo de prestígio e distinção, por ser a segunda instituição de ensino secundário da então Província do Rio de Janeiro, visto que apenas em Niterói existia uma instituição similar, o Liceu Nilo Peçanha, além, claro, do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, então capital do País. (FAGUNDES, 2004; MARTINEZ; BOYNARD, 2004).

A cidade de Campos dos Goytacazes originou-se da Vila de São Salvador, fundada em 1677 e, devido à sua posição estratégica entre a região das Minas Gerais e a cidade do Rio de Janeiro, à margem direita do rio Paraíba do Sul e perto da sua desembocadura no mar, tornou-se um importante centro urbano, a partir do qual se constituiu, inclusive, a maioria dos municípios da região norte fluminense (MARTINEZ, 2004).

A chegada dos trilhos da ferrovia, em 1875, alterou a direção da expansão da cidade, não mais no círculo que tinha como centro a Catedral, mas no sentido leste onde fora construída a estação de trem. Seguindo a lógica de se proteger das inundações, as famílias mais abastadas foram construindo residências mais luxuosas nas áreas mais altas que ligavam o centro à estação. É a região conhecida hoje como “Altos do Liceu”, onde o Barão da Lagoa Dourada construiu o solar e posteriormente foi instalado o Liceu de Humanidades de Campos. Pela importância econômica da cidade, foi elaborado um Plano Urbanístico, o Plano Saturnino de Brito de 1902. Este plano, que se preocupava

³ Cabe registrar que uma das muitas questões com que nos deparamos foi a decisão sobre a forma com a qual iríamos nos referir a cada escola. Todas elas tiveram alterações em seus nomes, principalmente devido às mudanças impostas pelas mudanças na legislação. No entanto, sendo “escolas exemplares”, independente das mudanças legais, cada cidade “adota” um nome para a sua escola e é com esse nome que a ela se refere e é reconhecida. Por incrível que pareça, a mais antiga das escolas estudadas, o Liceu de Humanidades de Campos, sempre foi conhecida como Liceu, tanto nos documentos mais antigos quanto nas entrevistas mais recentes, o que tornou fácil referir-se à mesma como Liceu, Liceu de Humanidades de Campos, ou LHC.

com as lagoas, brejos, nível e salubridade da água, vai direcionar a expansão da cidade até 1944, quando foi elaborado, por Coimbra Bueno e Cia Ltda, um outro Plano Urbanístico. A partir da década de 1950, o processo de urbanização da cidade se acelerou agora em todas as direções, com loteamentos conhecidos como “Parques” e “Jardins”, seguindo as diretrizes da Prefeitura.

O processo de expansão das cidades brasileiras na segunda metade do século XIX também se evidenciou em Campos que, em 1873, contava com uma população urbana de 88 825 habitantes (22% na cidade e 78% na zona rural), dos quais 63% eram homens livres⁴. A zona urbana incluía *3.116 casas térreas e 316 sobrados, 15 igrejas, 2 hospitais, um orfanato, um teatro, um gásômetro, 2 bancos, 1 Caixa Econômica, 5 hotéis, 4 armazéns, 3 jornais diários, 15 estabelecimentos de ensino privado e público, 1 biblioteca, 4 fundições, 6 cemitérios, 1 serraria a vapor, 2 curtumes e um estúdio fotográfico*, segundo a descrição feita por Teixeira de Mello em 1886 e reproduzida por Faria (2001, p. 79).

A fundação do Liceu de Humanidades de Campos, em 22 de novembro de 1880, criado pelo Decreto Estadual N. 2503 se inscreve neste cenário de metrópole⁵. Embora com regulamento aprovado em 21 de outubro de 1881, sendo Presidente da Assembléia Legislativa Provincial, João Marcellino de Souza Gonzaga, e com concursos autorizados para ocuparem as “cadeiras” criadas, seu pleno funcionamento demorou, pois muitas cadeiras deixaram de ser preenchidas por falta de candidatos, causada, segundo se alegava, o rigor do regulamento e o “*pequeno vencimento destinado aos professores*” (Relatório do Presidente da Província, 1884, p.12).

Tendo funcionado inicialmente em endereço desconhecido, em 1884, foi transferido para o Solar do Barão da Lagoa Dourada, adquirido pela comunidade em leilão.

Documento sem destinatário nem remetente localizado no arquivo do Liceu, diz:

Em cumprimento do art. 22 §20 do regulamento dos Institutos de ensino secundario do Estado, venho apresentar-vos o relatorio dos trabalhos do Lyceu de Humanidades de Campos no anno compromissario de 1 de junho de 1904 a 31 de maio de 1905. Funciona o Lyceu ininterruptamente desde 1884. Acha-se installado no palacete- Barão da Lagôa Dourada-comparado por subscrição popular e doado á Municipalidade para esse fim, de accordo com os requisitos pedagogicos possiveis em uma casa que não foi construida para ensino (ALHC).

A instalação do Liceu no Solar do Barão não foi recebida sem contestação: o diretor nomeado em 1887, Homero Moretzohn, no primeiro relatório encaminhado à Diretoria da Instrução Pública, revela sua insatisfação tanto pela distância quanto pelas condições do bairro o que exigiria dos alunos *o sacrifício de andar a pé um kilometro por dia, sob a acção de um sol tropical, sob as tempestades de chuva e vento, e atravessando extensos e*

⁴As cidades nesse período não passavam de 200 e a capital do Império, o Rio de Janeiro era o lugar mais populoso com mais de 274mil habitantes.

⁵ *A década de 80 do século XIX foi generosa com Campos. Três luzes brilham sobre os antigos campos dos goitacazes: o Liceu de Humanidades (1880), a luz elétrica (1883) e a Abolição (1888), lembram Almeida e Silva (1980, p.10-11).*

medonhos lodações. (LHC - Relatório encaminhado à Diretoria da Instrução em 10 de junho de 1887, Homero Moretzohn).

Essa preocupação com os *extensos e imensos lodações* certamente refletia as demandas dos grupos sociais mais fortes pelo saneamento e organização dos serviços urbanos. A contratação de Saturnino de Brito para elaborar e executar um projeto de saneamento para a cidade parece ter alterado tanto as condições do bairro que, em 1915, o Diretor Castro Faria registra a importância da localização da escola: *o edifício em que funcionam a Escola Normal e o Lyceu de Humanidades de Campos, está situado á praça Barão do Rio Branco, o local mais elevado da cidade de Campos, e é servido por linhas de bonds, que o põem em comunicação directa com o centro populoso*⁶.

O Grupo Escolar Conde de Parnayba⁷

Dados indicam que, em Jundiaí/SP, o Grupo Escolar “Conde do Parnayba”, inaugurado em 16 de abril de 1906, ocupa lugar de destaque no cenário político e social da cidade e um referencial de distinção para aqueles que lá estudaram ou trabalharam (PAVAN, 2003).

O Grupo Escolar Conde do Parnayba (1906) foi produzido na cidade de Jundiaí localizada a 46 Km de São Paulo, cidade cujas origens históricas no século XVII estiveram ligadas à agricultura de subsistência, muito embora haja notícias da exploração de frutas cítricas e marmelais. Elevada à categoria de vila em 1655, já abrigava preocupações com a organização do espaço urbano, pois seu primeiro plano urbanístico data de 1657. Durante o século XVIII, a região foi se desenvolvendo com atividades de natureza comercial (Tropas de Comércio), mas esse desenvolvimento só vai se acelerar no século XIX, quando a região torna-se produtora de café com utilização de mão-de-obra escrava.

Essa aceleração do desenvolvimento está ligada à construção dos “caminhos de ferro” para levar a produção de café aos centros de exportação. Depois de ter recebido a primeira estrada de ferro ligando o interior à capital, Jundiaí foi se tornando um estratégico entroncamento ferroviário de São Paulo, servido por três importantes redes: a Cia. Paulista de Estradas de Ferro (1872), a Cia. Ituana (1873), a Ferrovia Santos – Jundiaí (1877), a Cia. Itatibense (1890) e Cia. Bragantina (1891).

Se a ferrovia levava a produção, também trazia a “modernidade” das cidades, saneamento, organização do espaço urbano e educação para atender às necessidades da escolarização em massa.

Como outros grupos escolares do interior do Estado, o primeiro prédio do Grupo Escolar “Conde do Parnayba” localizava-se no centro da cidade num prédio construído na segunda década de 1800 e que, durante o Império, serviu como Câmara e Cadeia Pública, local onde hoje está instalado o prédio da Telesp, à Rua Barão de Jundiaí, 101,

⁶ Boynard registra a relevância desse registro, *pois no início do Século XX, a localização do Liceu era tida como periférica. Houve, por isso mesmo, mudança dessa escola para o prédio da Câmara Municipal, situado ao lado da Igreja Matriz, no centro da cidade, por breve período* (BOYNARD, 2006).

⁷ O Grupo Escolar Conde do Parnayba, fundado em 1906, hoje Escola Estadual Conde de Parnaíba, é conhecido na cidade como o “Conde”.

na rua mais importante e de maior comércio da cidade até hoje. Funcionou neste prédio a Câmara e a Cadeia Pública até o ano de 1923. Os trabalhos escolares foram iniciados, através de Ata lavrada pelo diretor da Escola na presença de seis dos oito professores que compunham o corpo docente, para um total de 271 matriculados. Pela data de sua criação, pode-se evidenciar que a escola vincula-se à difusão da secularização e expansão do ensino primário (PAVAN, 2003).

Embora se tratasse, ainda, de um prédio provisório, a sua localização já era privilegiada e, como destacam Buffa; Almeida Pinto, com relação aos grupos escolares à época,

“garantia sempre que os alunos percorressem e reconbecessem a cidade e suas instituições antes mesmo de chegarem à escola”...o Grupo Escolar, símbolo de uma cultura leiga e popular integrava o núcleo urbano composto pela Prefeitura, os correios, casa bancária, praça central e Igreja matriz. Ao mesmo tempo, distinguia-se das residências, das casas comerciais e dos demais edifícios que constituem a cidade (2002, p. 43).

O Ginásio Mineiro de Uberabinha⁸

Em Uberlândia, na década de 1930, há registro do orgulho da cidade pelo Ginásio Mineiro fundado em 1912 ao reproduzir as palavras de um pedagogo de Belo Horizonte, que, após examinar alguns alunos que tiraram os seus diplomas de bacharéis em Ciências e Letras no Ginásio Mineiro citou a cidade como centro de irradiação educacional Cosme Lúcio, Uberlândia, Centro de Irradiação Educacional, A E S U. (Associação dos Estudantes Secundários de Uberlândia), 07/de junho/1934, exemplar 002, p.4. (GATTI JR e outros, 1997).

As origens da ocupação do território onde hoje se localiza a cidade de Uberlândia (região conhecida como Triângulo Mineiro ou Sertão da Farinha Podre) estão ligadas ao ciclo do ouro, pois a área se tornou ponto de apoio aos núcleos migratórios do Centro-Oeste, suprindo-os de gêneros alimentícios. Provavelmente foi isso que fez com que, terminado o ciclo da mineração, ocorresse um afluxo populacional para a região, embora ainda persistissem os “vazios”, objeto de preocupação do governo português que criou formas de incentivo ao povoamento da região. No ano de 1888, São Pedro de Uberabinha foi elevada à categoria de vila, por meio do Decreto Lei nº. 51 de 7 de junho e, ainda no mesmo ano, à categoria de município. Essa autonomia tornou possível a aceleração do processo de urbanização: a criação da estrada de ferro, o telégrafo, o cinema e o sistema de água potável, são algumas das melhorias introduzidas na época na cidade cuja área ocupava cerca de 1.100 quilômetros quadrados com uma população em torno de 5.000 habitantes (GATTI, 2001, p. 49) e que, desde 1897, já tinha seu primeiro jornal: “A Reforma”.

⁸ Nasceu como “Gymnásio de Uberabinha” e é hoje conhecida como Escola Estadual de Uberlândia, mas alguns moradores a ela se referiram como Museu.

A primeira década do século XX trouxe mais novidades tipicamente urbanas: a Santa Casa de Misericórdia, a primeira ponte suspensa; a primeira casa de diversões, o serviço de energia elétrica, a telefonia e, claro, a educação. Em meio a esse processo de urbanização, foi criado, em 1912, o “Gymnasio de Uberabinha”, instituição de ensino privado, dirigida pelo Sr. Antonio Luiz da Silveira. Esse estabelecimento de ensino oferecia cursos ginásial e comercial com sistema de internato, semi-internato e externato. Desde o seu nascimento a escola já se intitulava como uma dos mais importantes estabelecimentos de ensino do País, como pode ser observado em anúncio publicado no jornal da cidade: “O Gymnasio de Uberabinha recebe meninos e meninas, preparando-os para a vida em uma das melhores academias do paiz, que dispõe de um selecto corpo docente” (A Notícia, 1918).

Os estabelecimentos de ensino particular que já existiam não estavam instalados em prédios “escolares mas em residências, como o caso do Gymnasio de Uberabinha, cujos dirigentes sentiram necessidade de criar um espaço mais adequado ao ensino. Nesse momento, grupos sociais com poder político”, criaram uma sociedade, a Sociedade Progresso de Uberabinha, para criar um novo estabelecimento de ensino.

A definição do local para a construção do prédio mostra sua relação com a ocupação do espaço urbano: deveria ser um terreno central, de modo que era possível vê-lo de qualquer ângulo, pois não havia outras construções em seu entorno. A partir da aquisição de vários terrenos, encomendaram a planta do prédio a S. Schate e iniciaram a obra em 24/de setembro/1919, sob a responsabilidade do engenheiro Hermenegildo Ribas, sendo que as obras do prédio escolar foram concluídas em 1921, graças a um empréstimo contraído no Banco de Crédito Real que foi autorizada pelo conselho da Sociedade.

A Escola Estadual Maria Constança Barros Machado¹⁰

Ao contrário das outras cidades aqui estudadas, cujas origens estão de alguma forma, fincadas no período colonial, a cidade de Campo Grande formou-se, no século XX, no sul de Mato Grosso, como entreposto comercial – de compra e venda do gado magro para ser engordado e revendido em São Paulo. Em torno dessas atividades circulavam outras atividades comerciais e grupos de pessoas ligados ao comércio. Comparada com Corumbá, era apenas uma “vila pobre e caipira”¹¹.

Os trilhos da Estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB) alteraram a fisionomia da cidade pois as atividades e residências que antes se fixavam em volta da chamada

⁹ Cabe aqui citar alguns membros dessa sociedade de que faziam parte de famílias influentes da cidade: Arlindo Teixeira, Tito Teixeira, José Nonato Ribeiro, Antonio Resende, Custódio Pereira, Alexandre Marques, Carmo Gifone e Clarimundo Carneiro.

¹⁰ A Escola Estadual Maria Constança Barros Machado, denominação atual, foi instalada em 1939, como Liceu Campograndense, mudando para Colégio Estadual Campograndense em 1953, mas, pelas entrevistas com ex-alunos e ex-professores, duas denominações surgiram – Colégio Estadual e Maria Constança, a primeira mais usada pelas pessoas mais velhas que, quase sempre, se corrigiam e se referiam ao “Maria Constança”.

¹¹ Uma “vila pobre e caipira”: assim era Campo Grande desde a sua fundação até o início do século XX. Nascendo longe do Rio Paraguai, “o caminho das águas”, num momento em que outras localidades do então sul de Mato Grosso exerciam função estratégica, o povoado acabou se beneficiando de sua localização geográfica, um dos grandes fatores de seu desenvolvimento (BITTAR, 2004)

Rua Velha (hoje 26 de agosto e Barão de Melgaço) passaram a se organizar à margem dos trilhos e em volta da estação de trem e foram, em parte responsáveis pela aceleração do crescimento populacional registrada, principalmente nas décadas de 1940/1950¹². Na década de 1930, a Prefeitura contrata o escritório do Engenheiro Saturnino de Brito para elaborar uma proposta de ampliação do abastecimento de água e esgoto; o mesmo escritório elaborou uma planta da cidade que mostra sua expansão para a região oeste, para onde foram os quartéis e o Bairro Amambaí cujo traçado guarda relações com os traçados de duas cidades planejadas – Belo Horizonte e Goiânia. O Bairro Amambaí cresce consideravelmente a ponto de ser criada a primeira linha de ônibus da cidade (Amambaí-Cascudo).

Segundo pesquisadores que estudaram a história da educação em Campo Grande, seus representantes reclamavam que a educação no sul do estado não figurava entre as prioridades dos governadores. Foi enfrentando a administração estadual que o intendente Arlindo de Andrade contratou a construção do primeiro Grupo Escolar da cidade, situado na Avenida Afonso Pena, transformado, posteriormente, na escola primária mais famosa da cidade, a Escola Joaquim Murtinho.

O ensino secundário, objeto de desejo da classe média em ascensão (SPOSITO, 1984 e 1993; PESSANHA, 1994) foi inicialmente ministrado apenas em escolas particulares: dois colégios católicos: um masculino, Colégio D. Bosco, outro feminino, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, fundado em 1926 e uma escola não confessional, o Colégio Oswaldo Cruz, aberta na mesma década.

Foi uma professora cuiabana¹³, Maria Constança Barros Machado, com notória participação política, quem liderou uma mobilização junto ao governo do estado para instalar o primeiro ginásio público da cidade. O Liceu Campograndense funcionou regularmente anexo ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho, na Rua Afonso Pena, até a década de 1950, quando foi construída sua sede própria. O lugar escolhido na cidade de Campo Grande foi a Rua Y Juca Pirama, no bairro Amambaí, região conhecida pelos moradores como “Cabeça de Boi”, de moradia operária. Hoje a rua onde se localiza o colégio denomina-se Marechal Cândido Mariano Rondon que constitui num importante acesso de ligação da área central da cidade com a parte oeste, onde se situam os quartéis militares e mais recentemente a Base Aérea da Aeronáutica. Oscar Niemeyer havia elaborado o projeto para a cidade de Corumbá, na época, mais importante do que Campo Grande e, por determinação do Governador, o projeto foi repetido em Campo Grande.

Características arquitetônicas: um neoclássico, dois ecléticos e um moderno

Os quatro edifícios escolares desse texto podem ser classificados de acordo com seus estilos arquitetônicos observando a tradição da historiografia bem como as datas

¹² Ver EBNER, p .17.

¹³ É recorrente, em depoimentos e documentos da época, a importância atribuída à influência das professoras cuiabanas na história da educação em Campo Grande, na primeira metade do século XX (ARAÚJO, 1997).

de construção e os elementos de arquitetura¹⁴ e de composição¹⁵ encontrados em planta e nas fachadas.

O mais antigo deles, o Liceu de Humanidades de Campos, de 1880, apresenta sinais externos de elementos de arquitetura do neoclassicismo¹⁶. Construído para abrigar uma residência de uma família rica, logo depois foi adaptado para funcionar como edifício escolar em 1883, seus dois pavimentos são marcados pela simetria na composição¹⁷, outra condição do neoclassicismo (Figura 1).



Foto 1 - Liceu de Humanidades de Campos – Acervo do ALCHC

Na fachada principal e frontal, pode-se observar a presença de um corpo que se sobressai do conjunto, criando um elemento de massa destacado para obtenção de volume no elemento triangular que arremata no ponto superior esse corpo destacado. No triângulo da fachada, um óculo de formato arredondado, faz o detalhe da composição. Na platibanda, elementos de arquitetura em madeira fazem o detalhe em frisos com duas cores.

As aberturas de portas e janelas possuem algumas características importantes. No pavimento superior, um balaustre compõe as portas do salão superior, enquanto que as janelas, tipologicamente, possuem peitoril em todas as fachadas, caracterizando a

¹⁴ São corpos. São os limites (envolventes) espaciais que fazem existir os elementos de composição; são coisas concretas, tem natureza definida (portas, janelas, pilares, artefatos, etc.); são partes da construção.

¹⁵ São espaços. São abstrações. São conceitos, como a proporção de determinados ambientes. Não tem uso por si mesmos; são rótulos que se aplicam aos espaços segundo uma determinada situação.

¹⁶ Classicismo indica, em sentido amplo, todas as tendências artísticas que tomam como modelo a Antiguidade. Neoclassicismo vem a ser um estilo próprio da Europa entre 1770 e 1830 influenciado pela arquitetura grega. O aspecto exterior da arquitetura neoclássica é caracterizado pela parede frontal do templo grego como tímpano triangular ou pela elevação de colunas em pórtico. Meias colunas, pilastras e cornijas conferem harmonia ao edifício, enquanto mútulos, pérolas, contas, palmetas e ornamentos sinuosos da Grécia clássica funcionam como decoração ao lado de guirlandas, urnas e rosáceas. A impressão geral da obra, no entanto, é de frieza, muitas vezes de pobreza, apesar da monumentalidade (KOCH, Wilfried. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*, p. 60).

¹⁷ No Brasil, o movimento do neoclassicismo veio com a Missão Francesa, trazida por D. João VI em 1816 e que teve o arquiteto Grandjean de Montigny, fundador da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, como seu protagonista. Ele teve seus seguidores no Brasil e segundo BRUAND (1997, p. 34) ainda podia-se ver o neoclássico em diversos edifícios brasileiros no final do século XIX.

intenção do projetista em demarcar as aberturas com o espaço exterior do edifício em relação à cidade e ao largo frontal. Detalhe superior nas portas onde um arredondamento faz o acabamento, com a presença de molduras em pedra ou argamassa pintada. Foi tombado pelo patrimônio municipal em 1987.

O edifício monumentaliza-se não apenas pela sua condição arquitetônica, mas pela escada frontal imposta com elemento de acesso ao edifício, demarcando a diferença de nível e as possibilidades de elevação e de observação.

Já os edifícios erguidos em Uberlândia e Jundiá – o Colégio Estadual, antigo Ginásio estadual (Figura 2) e o Grupo Escolar Conde de Parnaíba (Figura 3), atual Escola estadual, erguidos em 1921 e 1920, respectivamente, são edifícios com dois pavimentos, construídos num período em que o ecletismo¹⁸ era o estilo predominante no Brasil e foram projetados para a finalidade educacional, diferente do edifício de Campos.



Foto 2 – Vista aérea do Ginásio Estadual de Uberlândia, na década de 1930 (Acervo do CDHIS/UFU – Centro de Documentação e Pesquisa em História).



Foto 3 – Grupo Escolar Conde de Parnaíba 16/08/1956 (Acervo da Escola Estadual Conde de Parnaíba)

¹⁸ Em arquitetura, o ecletismo é um movimento característico do final do século XIX, período em que os

Em Uberlândia, o edifício foi projetado em 1919, pelo arquiteto S. Schate e construído pelo engenheiro Hermenegildo Ribas em 1921. A planta apresenta uma composição de elementos como as escadas de acesso tanto externas como internas e criam ambientes que se organizam mediante as subtrações da planta. Essa é de uma composição quase quadrada com pátios criados a partir da subtração/escavação, atendendo a necessidades já de conforto dos ambientes, com a criação de vazios para iluminação das salas tanto no pavimento superior como no inferior.

Sua localização, em frente à Praça Adolfo Fonseca, esquina com a Rua Teixeira Santana, lhe confere privilégio para observar seus principais elementos, descritos no processo de tombamento¹⁹ assim:

A fachada principal da escola está voltada para a praça, possuindo dois pavimentos, com porão alto. Em sua fachada é possível visualizar a “porta central com verga de arco pleno encimada por duas janelas no nível do segundo pavimento, também com verga em arco pleno que se abre para um pequeno balcão”. Possui duas aberturas centrais, com seis janelas de cada lado, com vergas de arco batido, distribuídas em dois panos marcados por pilastras adoçadas [...] arrematada por ático contínuo, com acrotérios correspondentes aos cunhais e às pilastras adoçadas, ao centro existe um frontão de perfil recortado, sendo que na parte superior ostenta a Estrela da República e logo abaixo o ano de inauguração do edifício (1921).

Na fachada frontal, os dois pavimentos são marcados pela simetria dos elementos de arquitetura que se rompe, quando na parte central se destacam a platibanda que se sobressai e o balaústre no andar superior, criado para marcar o acesso frontal e principal ao edifício. A porta principal evidencia ainda mais a sua condição de acesso principal. O edifício foi tombado em 2005 pelo patrimônio estadual.

Em Jundiaí, o Grupo Escolar Conde de Parnaíba fez parte de um grupo de edifícios com tipologia definida pelo setor de construção de edifícios escolares de São Paulo e que foram erguidos em diversas localidades paulistas e brasileiras. As mesmas características do ecletismo aplicam-se a esse edifício localizado na Rua Barão de Jundiaí, num terreno de pouco mais de 3.600 m² de formato quase quadrado.

Sua implantação original aproximou o edifício da rua embora criando jardins frontais e laterais e o formato da planta é de um retângulo com algumas subtrações e adições de elementos criados para monumentalizar o prédio, atitude muito própria desse

estilos arquitetônicos até então existentes' não conseguiram exprimir a realidade e não se fixaram como manifestação cultural. Exemplos desse período são os edifícios do Gabinete Português de Leitura, a Câmara Municipal e a Imprensa Nacional, no RJ e os edifícios públicos, a Estação da Luz e o Hospital da Beneficência Portuguesa, de Ramos de Azevedo em São Paulo e as obras de Victor Dubugras. Ver [Fabris, org.1987] e [Corona, Lemos 1972]. Os frentistas, como eram chamados pela sociedade os profissionais que adornavam e embelezavam as fachadas com motivos decorativos da arquitetura Art Nouveau ou Neoclássica de suas origens européias, tinham o domínio da construção civil durante a década de 1910. Os adornos de fachadas estão, ainda, espalhados nas testeiras de vários edifícios, perdurando no tempo, apesar dos painéis metálicos a escondê-los. Esses construtores, principalmente os italianos, migraram para o Brasil, entrando por São Paulo, e se espalharam pelo interior do Estado. A presença deles em São Paulo dá-se desde os anos 1870 e durante um bom período foram chamados pelas grandes famílias para trabalharem para elas e construíram bons edifícios. [Salmoni, Debenedetti, 1981].

¹⁹ Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Minas Gerais - Brasil” (UBERLÂNDIA, 2007).

período. Usavam-se as saliências e reentrâncias em planta como forma de diminuir a presença de um maciço praticado em planta.

Os dois pavimentos, criados para atender às necessidades do programa arquitetônico dos grupos escolares do início do século XX, identicamente aos prédios de Campos e Uberlândia, praticam uma simetria dos elementos de fachada – como janelas e portas e ornamentos com motivos diversos, dando certa unidade no estilo. Detalhe para a presença de um corpo lateral, quase um anexo, como demonstra a foto do início de seu funcionamento nos anos 1920.

A cobertura não dispunha de platibanda e o telhado em telha cerâmica, aplicado sobre tesouras de madeira apoiadas sobre uma cobertura em laje, demarca as fachadas com diversos caimentos da água. A plasticidade do edifício é garantida pela marcação do acesso frontal e principal com uma arcada no andar térreo e um recuo da porta de acesso e uma varanda com balaústre no andar superior.

O muro é um elemento que marca o edifício em relação à rua principal pois as grades e os elementos revestidos com argamassa e pintura vão criar uma barreira da escola com a cidade, sendo possível avistá-la com a aproximação do pedestre aos jardins criados para separar o prédio da rua. Foi tombado por ato do CONDEPHAAT de São Paulo em 2002 juntamente com outros 122 grupos escolares importantes para a história da arquitetura educacional. Por fim, o edifício que difere de todos os anteriores analisados por conta de seu estilo moderno²⁰: trata-se do Colégio Estadual Maria Constança de Barros Machado em Campo Grande, inaugurado em 1954 e projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer (Figura 4).

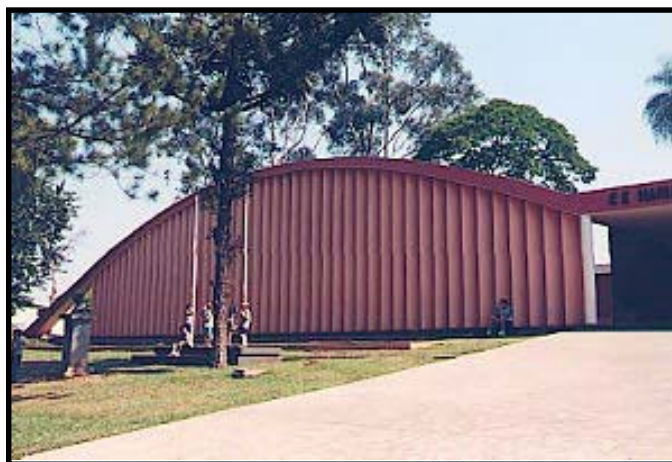


Foto 4 - Escola Maria Constança Barros Machado Campo Grande/MS – 1939
(Acervo particular Ângelo Arruda)

²⁰ O modernismo foi considerado estilo por diversos autores e críticos de arquitetura, dentre eles Carlos Eduardo Comas. O modernismo vem romper com os elementos classicizantes empregados na arquitetura de todo o mundo e considera o edifício como uma obra de arte e essa deve respeitar os postulados estabelecidos pelo Movimento Moderno, que teve Le Corbusier com um dos seus mais importantes pensadores. Ser moderno era ter planta livre, fachada livre, pilotis, terraço jardim e usar o branco como cor e retirar todos os elementos de arquitetura que possibilitassem uma ligação com o passado. Também deveria optar por uma volumetria cúbica (ver COMAS, 1987).

O lote, onde o edifício foi implantado, é um quarteirão de 12.000,00 m², de formato retangular (100, 00 x 120,00 m.), ladeado por quatro ruas: a Perseverança, ao norte e a Cândido Mariano Rondon, ao sul, e essa forma a frente do lote, com 120,00 metros; a leste, com a Saldanha Marinho e a oeste com a General Osório. Quando da inauguração do edifício, em 1954, a Rua Perseverança ainda não estava implantada e o limite do terreno, ao norte, era a faixa de domínio do leito da ferrovia Noroeste do Brasil.

A superfície do terreno possui uma inclinação em torno de 4 metros, tirado do ponto mais alto, na Rua Perseverança, até seu ponto mais baixo, na entrada principal pela Rua Cândido Mariano Rondon. Essa situação altimétrica vai contribuir para uma implantação usando platôs de construção para cada um dos blocos que compõem o edifício educacional.

O perímetro da edificação é multifacetado, formando um polígono de 21 lados, de formas predominantemente retangulares e a implantação desvincula o edifício das divisas, com a existência de recuos nas 4 fachadas. O maior dos recuos está na parte frontal – 24 metros –, e seu afastamento garante, com a elevação do platô, uma visão imponente do edifício, seja pelos transeuntes nas calçadas ou pelos visitantes e usuários.

Por conta da implantação e da forma geométrica do polígono foram gerados espaços residuais ou, às vezes, generosos espaços ajardinados, como no caso da esquina das ruas Cândido Mariano e General Osório. Os demais espaços ou são pequenos pátios de recreio descobertos ou formam as áreas de lazer ativo escolar, com quadras e demais equipamentos.

O projeto optou por uma composição multivolumétrica, com diversas partes que, unidas por elementos de arquitetura - passarelas cobertas, circulações e pisos – formam um todo arquitetônico. A solução volumétrica total é a de um polígono com vários lados, mas cada uma das partes do polígono é resultado ou da solução programática, ou da construtiva.

Na composição há uma pluralidade volumétrica bem definida. Essa pluralidade pode ter sido resultado do programa, a forma seguindo a função. Os prismas resultam sempre de uma função que está contribuindo com a sua forma, senão vejamos: a) um prisma trapezoidal, com um dos lados paralelos de forma levemente circular e caimento inclinado da cobertura, forma o auditório; b) uma abóbada de base retangular, forma o pátio coberto do recreio; c) 3 prismas retangulares, de formato inclinado na cobertura formam a guarita, os blocos de salas - estes mais delgados -, e de apoio.

Em toda a composição verifica-se, como regra, o princípio da planta livre, com a estrutura independente. Os elementos de vedação, paredes, caixilhos etc., apenas dão conformação aos espaços. As figuras geométricas utilizadas na composição são, na sua maioria, retangulares. São utilizadas formas trapezoidais na guarita e no auditório.

Os elementos de arquitetura primários são as lajes inclinadas e a abóbada de cobertura do pátio de recreio, ou seja, aqueles que materializam os elementos de composição. Já os elementos de arquitetura secundários são: os brises-soleil; a parede de tijolos, tipo cobogó, com janelas; a caixa d' água; as janelas em fita dupla; os pilares de seção circular; o mastro da bandeira; as empenas cegas; a parede de formato curvo do auditório e pilares soltos da parede, todos os elementos do modernismo, existentes em diversos edifícios brasileiros.

Tombado por ato da Secretaria de Cultura em 1996, a Escola Estadual Maria Constança Barros Machado é patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul.

Estabelecendo relações entre os edifícios das quatro escolas, percebe-se que escolhendo para a construção dessas escolas as tendências arquitetônicas dominantes em cada momento histórico, as cidades se afirmavam sua “exemplaridade” como cidades modernas e preocupadas com a escolarização de seus cidadãos.

Referências

ARAÚJO, Carla Busato Z; M. de. *O Ensino de Didática, na década de trinta, no sul de Mato Grosso: Ordem e Controle* Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, UFMS, Campo Grande, 1997.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino (Org.) *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

BITTAR, M. *Dos campos grandes à capital dos ipês*. Parte I Campo Grande: Gráfica Editora Alvorada, 2004.

BOYNARD, M.A.P. *A Escola Modelo da Escola Normal de Campos: a experiência da Seis de março*. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

BRUAND, Ives. *Arquitetura Contemporânea Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. *Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos escolares Paulistas, 1893/1971*. São Carlos: EdUFSCar, INEP, 2002

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. In: *Arquitetura Brasileira* (5) UFRJ, 1987.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A.C. *Dicionário de Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

EBNER, I. de A. R. *A cidade e seus vazios*. Investigação e proposta para os vazios de Campo Grande. Campo Grande: Editora da UFMS, 1999.

FAGUNDES, P. E. *A reconstrução da nacionalidade: uma análise do Liceu de Humanidades de Campos - RJ (1931-1942)*. 2004, Dissertação Mestrado, UENF.

FARIA, Teresa de J. Peixoto. Projeto de modernização e mudança da morfologia social e urbana de Campos dos Goytacazes/RJ nos anos 1870-1880. *Anais do IX Encontro Nacional da Anpur*, 9., 2001, Rio de Janeiro, 2001.

GATTI JR, Décio. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro, *Revista História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL. Pelotas/RS, p. 5 - 28

GATTI, Giseli Cristina do Vale. *História e Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950)*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTÍNEZ, Silvia A. A Escola Normal de Campos: uma trajetória na formação de professores no Norte Fluminense (1894-1954), Rio de Janeiro: UENF/FAPERJ, 2004 Relatório de Pesquisa.

_____; BOYNARD, M.A. Memórias de 1955: O (re)nascer do Instituto de Educação de Campos. In: Gantos, M. (Org.). *Campos em perspectiva*. Rio de Janeiro, Papel Virtual, 2004.

PAVAN, Diva O. *Dois histórias relacionadas: professoras primárias e o sistema de ensino paulista (1950-1980)*. 2003, Tese de Doutorado, FE, Universidade de Campinas, SP, 2003.

PESSANHA, E. C. (1994) *Ascensão e queda do professor*. São Paulo: Cortez, (Coleção questões da nossa época, v. 34).

PESSANHA, Eurize Caldas; GATTI JR., Décio; MARTINEZ, Sílvia Alicia; PASSOS, Laurizete Ferragut; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; GATTI, Gisele Cristina do Vale; BOYNARD, Maria Amélia de Almeida Pinto; PAVAN, Diva Otero. RELATÓRIO FINAL DO PROJETO DE PESQUISA: Tempo de cidade. lugar de escola: um estudo comparativo sobre a cultura escolar de instituições escolares exemplares constituídas no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras (1880-1970). Campo Grande/MS: Relatório final de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (Processo: 481397/2004-3). Trabalho não publicado, de circulação restrita. Outubro/2007. SALMONI, Anita.

DEBENEDETTI, Emma. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SPOSITO, M. *O povo vai à escola: A luta pela expansão do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1994.

UBERLÂNDIA . Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Minas Gerais – Brasil. 2007.

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo do Jornal A NOTÍCIA – Uberlândia, Minas Gerais

ERJ - Relatório de Presidentes da República do ano de 1881

LHC - Relatório encaminhado à Diretoria da Instrução em 10 de junho de 1887, Homero Moretzohn

LHC – Documentos vários

Recebido em maio de 2008
Aprovado em julho de 2008